

A produtividade de um aplicativo de mensagens multiplataforma no desenvolvimento de estratégias de autoaprendizagem em inglês

Carlos Fabiano de Souza¹

Resumo

Este texto parte dos resultados de um projeto desenvolvido com um grupo de estudantes do Curso Técnico em Hospedagem, Integrado ao Ensino Médio, do Instituto Federal Fluminense *campus* Cabo Frio-RJ, que buscou investigar as potencialidades do uso de um aplicativo de mensagens multiplataforma, junto ao ensino e à aprendizagem de inglês, na educação profissional de nível técnico. Para o desenvolvimento das práticas propostas, um grupo foi criado no aplicativo de que trata este trabalho, no qual os estudantes participantes e o professor moderador desempenharam o papel de pares de interação comunicativa (SOUZA, 2015a; 2015b). A análise de um momento de interação, produzida por meio das práticas comunicativas no grupo em questão, sinalizou para a produtividade de aplicativos dessa natureza, no que se refere ao desenvolvimento de estratégias de autoaprendizagem em inglês, levando em conta os benefícios e as oportunidades propiciados pelo uso da aprendizagem digital móvel, junto ao processo de ensino e de aprendizagem de língua estrangeira.

Palavras-chave: Aplicativo de mensagens multiplataforma. Ensino e aprendizagem de inglês. Estratégias de autoaprendizagem.

Abstract

This paper brings about the results of a project carried out with a group of students from the Technical Course of Accommodation Service Integrated to High School, at the Fluminense Federal Institute campus Cabo Frio-RJ, which aimed at investigating the potentials of the use of a cross-platform messaging app, within the English language teaching and learning in professional education within the scope of a technical course. In order to develop the proposed practices, a group was created into the app described in this work, by which the students who have participated and the teacher as a moderator played the role of peers of communicative interaction (SOUZA, 2015a; 2015b). The analysis of a moment of interaction, produced by means of communicative practices within that group, pointed to the productivity of apps of that nature, concerning the development of self-learning strategies in English, taking into account the benefits and the opportunities provided by the use of digital mobile learning, within the foreign language language teaching and learning process.

Key-words: Cross-platform messaging app. English language teaching and learning. Self-learning strategies.

1 Introdução

Mobile devices hold tremendous potential to change the way students learn [...].--- Scott McQuiggan et al (2015, p. 8).

A tecnologia digital móvel tem se mostrado bastante produtiva no que toca a oportunizar momentos de aprendizagem diversos, transformando substancialmente

¹ Mestre em Estudos da Linguagem. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense.

a maneira como os estudantes aprendem. Dessa forma, pode-se presumir que ela se configura como um importante instrumento de apoio ao processo de ensino.

Nesse sentido, pode-se dizer ainda que os comprovados benefícios, oriundos do uso de componentes tecnológicos dessa natureza em práticas escolares (UNESCO, 2013), tendem a atuar como vetores para que professores se sintam sensibilizados a integrá-los às suas mais variadas práticas pedagógicas, em programas de diferentes componentes curriculares, tendo em vista o uso em larga escala desses aparelhos na vida da sociedade contemporânea.

Conforme Souza (2015a), esse tipo de tecnologia permite que o indivíduo se mantenha em contato com a prática de uma língua estrangeira (LE) a qualquer hora e em qualquer lugar, por meio do seu aparelho de telefonia móvel, evidenciando, desse modo, o fato de que esses dispositivos influenciam sobremaneira na forma como os estudantes aprendem um idioma.

A relevância quanto à utilização desses aparelhos como suporte junto ao processo de ensino e aprendizagem já foi, inclusive, reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), por meio do texto de uma cartilha lançada em 2013, a saber, *Policy Guidelines for Mobile Learning*.

Nesse documento, a UNESCO aponta treze bons motivos para se usar tecnologias móveis na escola, dos quais destaco: (a) assegura o uso produtivo do tempo dedicado às práticas de sala de aula; (b) permite que se aprenda em qualquer hora e lugar; (c) constrói novas comunidades de aprendizagem; (d) cria uma ponte entre o aprendizado formal e o informal; (d) fornece *feedback* e avaliação imediatos; (e) facilita o aprendizado personalizado; (f) melhora a aprendizagem contínua (*seamless learning*); (g) melhora a comunicação.

De acordo com Souza (2015a), a aprendizagem móvel tem ocupado um lugar destacável em aulas de LE, haja vista o número expressivo de aplicativos móveis para aprendizes de inglês que podemos encontrar disponível no mercado atualmente. As funções que eles desempenham são inúmeras, englobando “áreas relacionadas às práticas de aspectos gramaticais (com exercícios de fixação), apreensão de vocabulário novo, *podcasts* para prática de compreensão oral, dicionários” (SOUZA, 2015a, p. 42), dentre outros.

No cada vez mais sólido ramo de produção de aplicativos, disponibilizados por meio da tecnologia móvel, é que se destacam os destinados ao envio de

mensagens multiplataforma. Esses aplicativos parecem ter caído no gosto do brasileiro como evidenciado por uma pesquisa divulgada em 2015, realizada com dois mil entrevistados em todo território nacional, por meio da plataforma **Conecta-i** (TUDOCELULAR.COM, 2015).

De acordo com essa pesquisa, os brasileiros que possuem aparelhos de telefonia móvel têm uma média de quinze aplicativos instalados em seus *smartphones*, sendo relevante mencionar que 88% dos informantes disseram usar o seu aparelho para trocar mensagens. Entre os aplicativos mais utilizados, destacam-se: o *WhatsApp* (presente em 93% dos aparelhos); o *Facebook* (instalado em cerca de 79% do aparelhos); o *YouTube* (60%); e o *Instagram*, presente em 37% dos aparelhos dos informantes dessa pesquisa².

Nessa mesma direção, podemos citar o *MEF Mobile Messaging Survey 2016*, pesquisa realizada pelo *Mobile Ecosystem Forum* (MEF)³, na qual o Brasil aparece como o segundo país que mais utiliza o *WhatsApp*, atrás da África do Sul, seguido pela Nigéria, Alemanha e Índia (figura 1). Esses dados também servem para fortalecer o espaço que esse aplicativo de mensagem multiplataforma tem ocupado no cotidiano das famílias brasileiras.

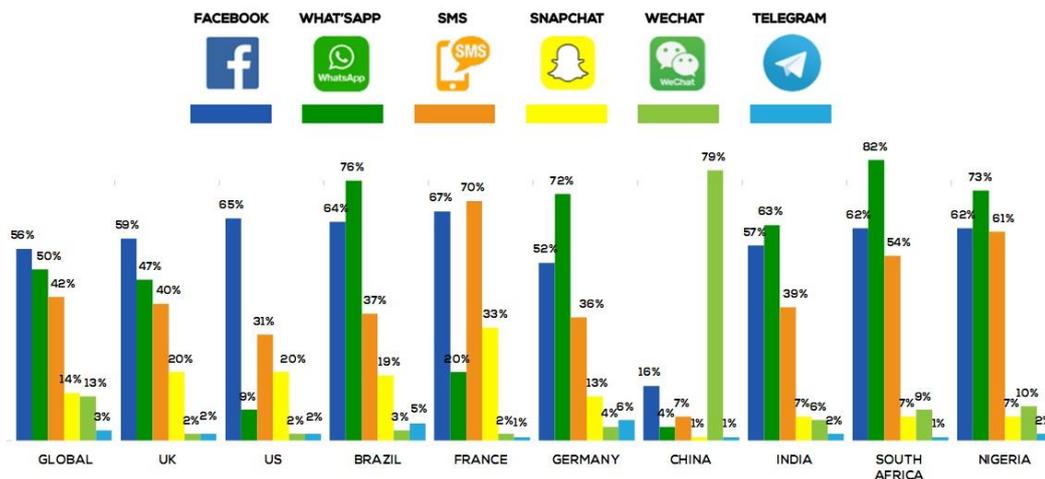


Figura 1: Preferência pelo uso de aplicativos de mensagem ao redor do mundo.
Fonte: Adaptado pelo autor a partir de dados do MEF (2016).

² Para maiores detalhes, ver TUDOCELULAR.COM (2015).

³ O *Mobile Ecosystem Forum* atua em âmbito global oferecendo consultoria, divulgando pesquisas que busquem a ampliação do ecossistema de dispositivos de tecnologia móvel. Seu principal objetivo é acelerar cada vez mais o crescimento e a expansão desse ecossistema, de modo sustentável, promovendo a inclusão e a oferta de serviços que enriqueçam a vida dos consumidores ao redor do mundo.

Levando em conta esse cenário é que nasceu um projeto desenvolvido com um grupo de estudantes do Curso Técnico em Hospedagem Integrado ao Ensino Médio, do Instituto Federal Fluminense *campus* Cabo Frio-RJ, com o objetivo de investigar as potencialidades do uso do *WhatsApp*, junto ao ensino e à aprendizagem de inglês na educação profissional de nível técnico.

A opção pelo *WhatsApp*, nesse recorte, se deu em função do uso massivo desse aplicativo não só pelos estudantes, que fazem uso desses *apps*, inclusive em momentos de sala de aula, mas também por professores que criam grupos para trocar informes com as turmas, além de grupos privados de interação com os pares do coletivo de trabalho.

Em face dessa questão, infere-se que parece existir uma forte relação de apreço dos brasileiros por esse aplicativo, em virtude da facilidade de utilização de uma miríade de funções e aplicabilidades que ele oferece, a saber: acesso rápido a conteúdos de texto; áudio; imagem; vídeo; a troca de mensagens em tempo real; as possibilidades de compartilhamento de dados, favorecendo as interações de modo síncrono e assíncrono (SOUZA, 2001), como observado mais adiante.

Segundo Saboia (2016), no Brasil, o *WhatsApp* é muito mais do que um simples aplicativo de troca de mensagens, transformando-se, em lugar, numa opção irresistível para qualquer cidadão comum. Como se pode notar pelo exposto até aqui, essa afirmativa corrobora os dados apresentados pela *Mobile Messaging Survey 2016*.

Ademais, por ser um componente tecnológico que tem feito parte da vida cotidiana dos nossos estudantes, entendemos que agregá-lo a práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem de LE tende a dar uma dimensão toda especial a esse processo, na medida em que estamos expondo os estudantes a práticas que se apoiam em um elemento que está integrado à sua própria rotina.

É nessa perspectiva que se pode afirmar com Souza que esse tipo de aplicativo se revela “uma oportunidade real de efetivação de práticas de aprendizagem em ambiente extraclasse, permitindo ao professor agregá-lo ao seu plano didático” (SOUZA, 2015a, p. 42), com o intuito de trazer benefícios à autoaprendizagem de seus estudantes.

Vale ressaltar que, neste trabalho, estamos mobilizando o conceito de autoaprendizagem à luz do trabalho de Souza (2015b), em que ela se constitui como momentos de construção de conhecimento por parte do estudante em ambiente

formal e/ou informal de aprendizagem, de modo autônomo, a depender do seu esforço pessoal e tempo dedicado aos estudos. Por outro lado, estamos utilizando o conceito de aprendizagem móvel ancorado pelos escritos de McQuiggan et al. (2015), em que os autores a definem como:

[...] mobile learning is the experience and opportunity *afforded* by the evolution of educational technologies. It is anywhere, anytime learning enabled by instant, on-demand access to a personalized world filled with the tools and resources we prefer for creating our own knowledge, satisfying our curiosities, collaborating with others, and cultivating experiences otherwise unattainable. Mobile learning implies adapting and building upon the latest advances in mobile technology, redefining the responsibilities of teachers and students, and blurring the lines between formal and informal learning. It embodies and facilitates the understanding of what it means to be a lifelong learner [...] (McQUIGGAN et al., 2015, p. 8).

Esses apontamentos corroboram a pesquisa da UNESCO (2013), pois colocam o acento no papel desempenhado pela aprendizagem móvel no que tange a permitir que o estudante aprenda em qualquer hora e lugar, construindo novas formas de adquirir conhecimento, estabelecendo uma ponte entre o aprendizado formal e informal, e evidenciando o processo de aprendizagem que se realiza ao longo da vida.

Tendo em vista essas explicitações, pode-se afirmar que a análise de um momento de interação, produzido por meio das práticas comunicativas em um grupo criado no *WhatsApp*, com alunos do Curso Técnico em Hospedagem, sinalizou para a produtividade de aplicativos de mensagens multiplataforma no que concerne ao desenvolvimento de estratégias de autoaprendizagem em inglês.

As estratégias, que serão apresentadas ao longo deste texto, se referem à interação entre o professor mediador e dois alunos participantes, cujos nomes não serão mencionados a fim de se preservar suas identidades, mantendo, dessa forma, o rigor ético da pesquisa. Em lugar, utilizaremos pseudônimos informados pelos próprios participantes, que assinaram um Termo de Consentimento Livre e

⁴ [...] aprendizagem móvel é a experiência e oportunidade *conferida* pela evolução das tecnologias educacionais. Ela ocorre em qualquer lugar, a qualquer hora, possibilitada pelo acesso instantâneo, sob demanda para um mundo personalizado, repleto de ferramentas e recursos que escolhemos para construir nosso próprio conhecimento, satisfazendo nossas curiosidades, colaborando com os outros, e cultivando experiências que não seriam alcançadas de outra forma. A aprendizagem móvel implica na adaptação e construção baseada nos mais recentes avanços em termos de tecnologia móvel, redefinindo as responsabilidades dos professores e alunos, e distorcendo os paradigmas entre a aprendizagem formal e informal. Ela incorpora e facilita o entendimento do que significa ser um eterno aprendiz [...] (tradução minha).

Esclarecido (TCLE) (em apêndice), aceitando participar como voluntários desse projeto.

A seguir, o texto se encontra dividido em duas seções: na primeira, apresentamos brevemente uma caracterização do *WhatsApp Messenger* enquanto espaço virtual de aprendizagem de LE. Em seguida, apresentamos os resultados das análises de fragmentos linguístico-discursivos disponíveis nesse ambiente virtual, produzidos por meio de um momento de interação entre os participantes, com o enfoque nas estratégias de autoaprendizagem em inglês. Por fim, trazemos à baila as considerações finais.

2 O aplicativo de mensagens multiplataforma *WhatsApp Messenger* no ensino de inglês

Nesta seção, buscamos caracterizar o *WhatsApp* como um aplicativo multiplataforma rico e produtivo, enquanto espaço virtual possível de ser utilizado como apoio ao processo de ensino e aprendizagem de LE. Aplicativos multiplataforma são componentes da tecnologia móvel que permitem aos seus usuários trocar mensagens pelo aparelho celular, por exemplo, sem a necessidade de pagar por SMS (serviço de mensagens curtas).

Para Souza (2015a; 2015b), uma das principais vantagens do uso do *WhatsApp*, para se aprender e ensinar inglês, diz respeito ao fato de que ele possibilita a criação de grupos, envio de mensagens ilimitadas na forma de textos, imagens, vídeos e áudios. Além disso, não se deve negligenciar o fato de que ele oferece acesso rápido aos conteúdos disponibilizados nos grupos, que permanecem armazenados nos aparelhos, permitindo o compartilhamento de dados em série por meio de um fluxo contínuo.

Nesse tipo de grupo, o professor desempenha o papel de mediador, gerenciando as trocas verbais que se estabelecem nesse ambiente rico, complexo, multimidiático e, portanto, dinâmico e bastante interativo. Não se trata de fiscalizar a participação dos estudantes acerca das atividades previamente propostas, que levam a uma interação entre os pares do grupo. Pelo contrário, o professor é parte do processo, interagindo na medida certa, garantindo por meio de sua presença virtual o andamento adequado das trocas verbais para os fins desejados.

Nessa perspectiva, concordamos com Lévy (1999) quando o estudioso diz que a principal função do professor em ambientes dessa natureza é

[...] incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um *animador da inteligência* coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc. (LÉVY, 1999, p. 173, grifo do autor).

Nesse sentido, o professor deve propor atividades, incitando a participação dos integrantes, alimentando os grupos criados no aplicativo multiplataforma com conteúdo que servirá de insumo para que os estudantes desenvolvam práticas de aprendizagem por meio da interação em ambiente virtual.

Ressalta-se, ainda, que esse tipo de aplicativo pode cooperar na promoção do intercâmbio de ideias entre os usuários, ao passo que eles ensinam e aprendem de forma descentralizada, estimulando sua capacidade de produção, e permitindo o desenvolvimento de habilidades comunicativas (SOUZA, 2015a; 2015b).

No quadro 1, tem-se uma sistematização dos principais recursos, das características e tipos de interação que ocorrem no *WhatsApp*, um ambiente virtual onde é possível se publicar fazendo uso de conhecimentos técnicos rasos.

RECURSOS	CARACTERÍSTICAS	INTERAÇÃO
Mensagem de texto	Possui estrutura multimidiática; mensagens geralmente curtas, podendo ser inseridas pelo usuário por meio de digitação própria ou colagem.	Síncrona e assíncrona.
Mensagem de voz	É possível fazer gravação por meio de mensagem de voz e publicá-la no ambiente de interação virtual. Além disso, <i>podcasts</i> também podem ser inseridos nas conversas.	Síncrona e assíncrona.
Imagem	É possível publicar fotos em diversos formatos, além de imagens contendo múltiplas linguagens.	Síncrona e assíncrona.
Vídeo	É possível compartilhar vídeos com os usuários de sua lista de contatos. Eles, geralmente, têm curta duração.	Síncrona e assíncrona.

Quadro 1: *WhatsApp* como ferramenta de ensino/aprendizagem.

Fonte: O autor – adaptado de Souza (2015a).

Nas interações síncronas e assíncronas que ocorrem nos grupos desse aplicativo, os participantes desempenham o papel de pares de interação comunicativa. Nesse sentido, os estudantes são concebidos como “aprendizes-falantes do idioma alvo que compartilham os mesmos interesses de interação linguístico-discursiva em práticas de comunicação em ambiente natural (ou simulado), em mídia virtual” (SOUZA, 2015a, p. 46).

Tomando-se por base os escritos de Souza (2001), o aspecto síncrono dessas interações comunicativas leva em conta o fato de que os usuários podem trocar mensagens em tempo real, tal que o que é digitado na tela é visualizado por todos os membros do grupo simultaneamente. Nesse tipo de interação, as mensagens tendem a ser bem mais curtas, e a interação mais veloz, o que facilita o *feedback* imediato dos participantes.

Ainda segundo esse estudioso, as interações assíncronas, apesar da velocidade de troca de mensagens, caracterizam-se pelo aspecto da extensão das interações. Ou seja, nesses casos, as mensagens são mais longas e, portanto, as interações podem vir a se estender por períodos de tempos mais demorados, tal que os usuários podem recorrer com mais calma ao que foi dito em momento anterior e, posteriormente, emitir suas considerações, mantendo, assim, o fluxo da interação ativo.

A possibilidade de ter acesso ao conteúdo publicado em tempo real, ou acessar o que tenha sido publicado *a priori*, no momento em que achar mais conveniente, contribui enormemente para o fortalecimento de um sentimento de autonomia para com o próprio ritmo da aprendizagem, permitindo que o estudante adquira um controle sobre suas dinâmicas de estudo em ambiente extraclasse, afinal de contas, “*mobile devices offer substantial power in taking learning opportunities outside of the four walls of the classroom*”⁵ (McQUIGGAN *et al*, 2015, p. 11).

No quadro 2, trazemos um esboço pormenorizado da caracterização do *WhatsApp* como ferramenta educacional, junto ao processo ensino-aprendizagem de LEs, a partir dos estudos de Souza (2015b):

⁵ Dispositivos móveis oferecem incremento substancial no que se refere às oportunidades de aprendizagem do lado de fora das quatro paredes da sala de aula (tradução minha).

Definição:	Espaço virtual interativo, colaborativo e autônomo de apoio ao ensino e à aprendizagem de LEs.
Papel do estudante:	(Pares de interação comunicativa) o estudante atua como um aprendiz-falante do idioma alvo que compartilha com os outros participantes os mesmos interesses de interação linguístico-discursiva, em práticas de comunicação em ambiente natural (ou simulado), em mídia virtual.
Papel do professor:	O mediador da relação do educando com o conhecimento, orientando quanto aos processos e estratégias de aprendizagem; apresentando possibilidades, escolhas, e gerenciando as dificuldades encontradas pelos estudantes.
Mediação:	Ensino-aprendizagem bidirecional: centrada na colaboração e reciprocidade entre os parceiros de trocas verbais nos grupos em ambiente virtual.
Abordagem:	Com o enfoque no sociointeracionismo ⁶ : as práticas desenvolvidas ao longo das interações levam em conta os aspectos individuais e sociais do uso do idioma alvo pelos pares.
Estratégias de autoaprendizagem:	Postura de responsabilidade sobre o próprio aprendizado (durante e/ou ao final das interações): automonitoramento, prática autoavaliativa, observação direta do desempenho, refinamento, atitude reflexiva.

Quadro 2: *WhatsApp* como ferramenta educacional.
Fonte: O autor, baseado no trabalho de Souza (2015b).

Na próxima seção, apresentamos a análise dos fragmentos linguístico-discursivos, materializados na forma de *prints*⁷, disponíveis no ambiente virtual de que trata este texto, produzidos por ocasião das interações no aplicativo.

3 Análise dos fragmentos linguístico-discursivos disponíveis no ambiente virtual

Os fragmentos linguístico-discursivos, de que trata este texto, foram retirados de um momento de interação no grupo **ZAPLISH** (*English on WhatsApp*), criado com o objetivo de atuar como um espaço virtual interativo, colaborativo e autônomo de

⁶ Pode-se dizer que a proposta de abordagem sociointeracionista, em trabalhos com aplicativos de mensagem multiplataforma, ancora-se nas reflexões de Vygotsky e Bakhtin, os quais tomam a relação entre indivíduo, linguagem, aprendizagem e cultura no bojo da constituição social do sujeito, à luz das práticas sociais. Dessa maneira, entende-se o *WhatsApp* como um ambiente que se configura como possibilidade real de interação entre indivíduos, por meio da linguagem, levando em conta o contexto sócio-histórico e cultural dos participantes em práticas sociais e colaborativas.

⁷ Estamos utilizando o termo em inglês *print*, para se referir ao recorte, em formato de impressão, contendo dados disponibilizados em ambiente virtual em um dispositivo de tecnologia móvel. Esse termo é utilizado em linguagem cotidiana para se referir à captura de tela dos *smartphones*, por meio da qual ela se converte em um formato de arquivo do tipo jpeg (ou jpg).

suporte ao ensino e à aprendizagem de inglês, entre um grupo de estudantes do Curso Técnico em Hospedagem Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal Fluminense *campus* Cabo Frio-RJ.

O **ZAPLISH** é fruto de um projeto desenvolvido com um grupo de 30 alunos, oriundos de duas turmas do curso técnico em questão. Os alunos foram convidados a participar em função das constantes queixas por parte desse quantitativo quanto à dificuldade encontrada para se manter em contato com o idioma alvo em ambiente extraclasse, em especial, no que concerne à interação com outros aprendizes-falantes.

No decorrer, embora outros estudantes do curso tenham demonstrado interesse em fazer parte do **ZAPLISH**, optou-se por privilegiar, em um primeiro momento, os estudantes que apontaram para essa demanda, levando-se em conta, inclusive, o fato de que, por se tratar de uma experiência inicial, criar um grupo com mais de 30 participantes no *WhatsApp* poderia não surtir o efeito desejado, a saber: a concepção de um ambiente extraclasse de prática de inglês por meio de interações linguístico-discursivas.

Dessa forma, o grupo funcionou como suporte ao processo de ensino-aprendizagem, na medida em que o professor enviava atividades aos alunos pelo aplicativo, em forma de instrução passada através de atividade de casa, ocorrendo, assim, em momento anterior aos encontros de sala de aula.

Muitas vezes, essas tarefas funcionavam como uma espécie de desafio, instigando os alunos a interagirem com o grupo, solucionando questões, culminando, quase sempre, com a consolidação das atividades em momento de sala de aula – oportunidade em que os estudantes tiravam suas dúvidas com o professor e checavam se, de fato, a informação havia sido assimilada de forma adequada por meio do aplicativo.

Um dos primeiros exemplos de atividade se refere a uma tarefa com um *tongue twister* (trava-língua) postado pelo professor no grupo. Como, em sala, os alunos haviam enfrentado certa dificuldade com a pronúncia do fonema /s/, quais sejam, em formas do plural, em início de termos, e ocorrências da terceira pessoa do singular dos verbos no presente simples, eles foram desafiados a postar áudios tentando pronunciar o seguinte trava-língua: “*She sells seashells by the seashore. The shells she sells are surely seashells. So if she sells shells on the seashore, I’m sure she sells seashore shells*”.

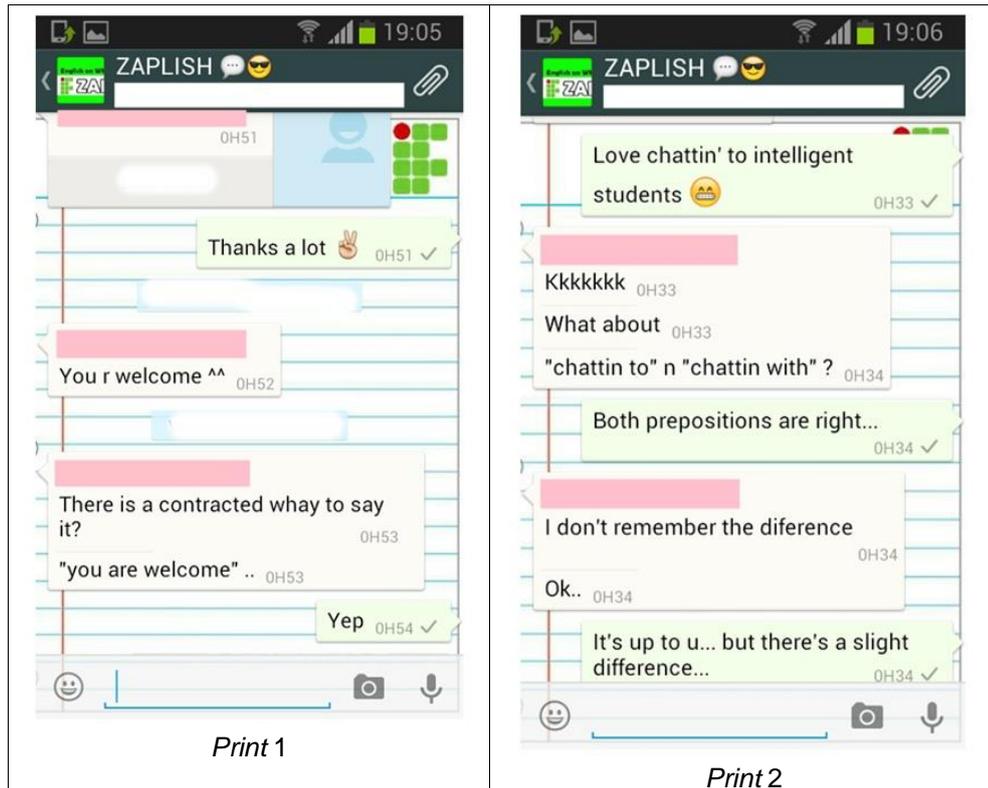
Apenas oito estudantes postaram os áudios. Três alunos disseram no grupo que não iriam postar por se sentirem envergonhados, porém, eles afirmaram ter gravado a si mesmos tentando falar corretamente o trava-língua em questão para checar se conseguiriam pronunciar as palavras, atentando para a pronúncia adequada do fonema /s/.

Quanto ao recorte aqui apresentado privilegiar apenas dois integrantes, isso se deve ao fato de que foi em um momento de interação com esses dois usuários que se observou inicialmente o desenvolvimento das estratégias de autoaprendizagem que serão apresentadas mais adiante. Por se tratar de um texto que não busca esgotar a questão, entende-se que os exemplos selecionados para análise buscam inaugurar um espaço de interlocução, tal que em publicações futuras se torne possível privilegiar outras ocorrências de estratégias observadas no projeto de que trata este trabalho.

Assim, nesse momento de interação, dois estudantes desempenharam o papel de aprendizes falantes do idioma alvo que compartilham os mesmos interesses linguístico-discursivos em práticas de comunicação no ambiente virtual em questão. Em contrapartida, o professor é o gerenciador (moderador), um par da interação que atua como mediador do processo em curso.

De acordo com Souza (2014), nesse tipo de prática, cabe ao professor fornecer material aos estudantes como tarefa extraclasse. Além disso, não se deve desconsiderar o fato de que o professor mediador é também um parceiro de troca verbal no ambiente virtual, observando, porém, que se deve criar um clima propício à interação, para que os estudantes se sintam à vontade quanto ao desenvolvimento de suas próprias estratégias de autoaprendizagem, e não pensem que estão sendo monitorados ou fiscalizados pelo professor (SOUZA, 2014).

Nas *prints* 1 e 2 (quadro 3), temos um exemplo da estratégia de autoaprendizagem **regulação**.



Quadro 3: Estratégia de autoaprendizagem **regulação**.
Fonte: O autor.

Pode-se dizer que a **regulação**, neste trabalho, se concretiza como uma estratégia de autoaprendizagem na medida em que ela incorpora aspectos do controle ou balanceamento que o aprendiz faz entre o que ele já sabe e o que ele ainda está construindo enquanto conhecimento linguístico-discursivo em uma LE.

Isso se dá pelo esforço que ele demanda para colocar em uso uma determinada estrutura da LE, com a qual ele ainda está se familiarizando. Ou ainda, pela própria observância imediata (monitoramento), ou em momento posterior, que ele faz do uso da linguagem por um dos pares de interação no grupo, que pode ser, inclusive, o próprio professor. Uma das características dessa estratégia envolve o processo de reflexão sobre o uso que se faz da língua, além da busca por elucidação de dúvidas por meio do **pedido de esclarecimento**.

No quadro 3, ao utilizar a expressão “You r welcome” (*print 1*), a estudante Amanda⁸ (marcação em rosa) parece não ter certeza do uso na forma abreviada dessa expressão, na forma da contração do verbo ser/estar em inglês (*To Be*). Logo após a postagem, ela imediatamente busca regular sua aprendizagem, por meio do

⁸ Nome fictício.

pedido de esclarecimento, materializado em: “There is a contracted whay to say it? ‘you are welcome’”.

Esse tipo de iniciativa leva o aprendiz-falante a verificar se sua aprendizagem está sendo construída de modo produtivo, confiando na expertise dos pares de interação como parceiros nesse processo de colocar em prática o uso da língua, contribuindo, assim, com a consolidação do conhecimento construído.

Um exemplo de reflexão pela observação imediata do uso da língua, por um parceiro de trocas verbais, pode ser verificado na *print 2*. Amanda utiliza a estratégia de **regulação** ao observar o uso que o professor moderador faz da preposição “to” após o verbo “chat”. Nota-se que ela tem dúvidas quanto a qual preposição utilizar com o verbo em questão, pedindo esclarecimentos acerca desse tipo de uso da língua, como se pode verificar em: “What about ‘chatting to’ n ‘chatting with’? (...) I don’t remember the diference”.

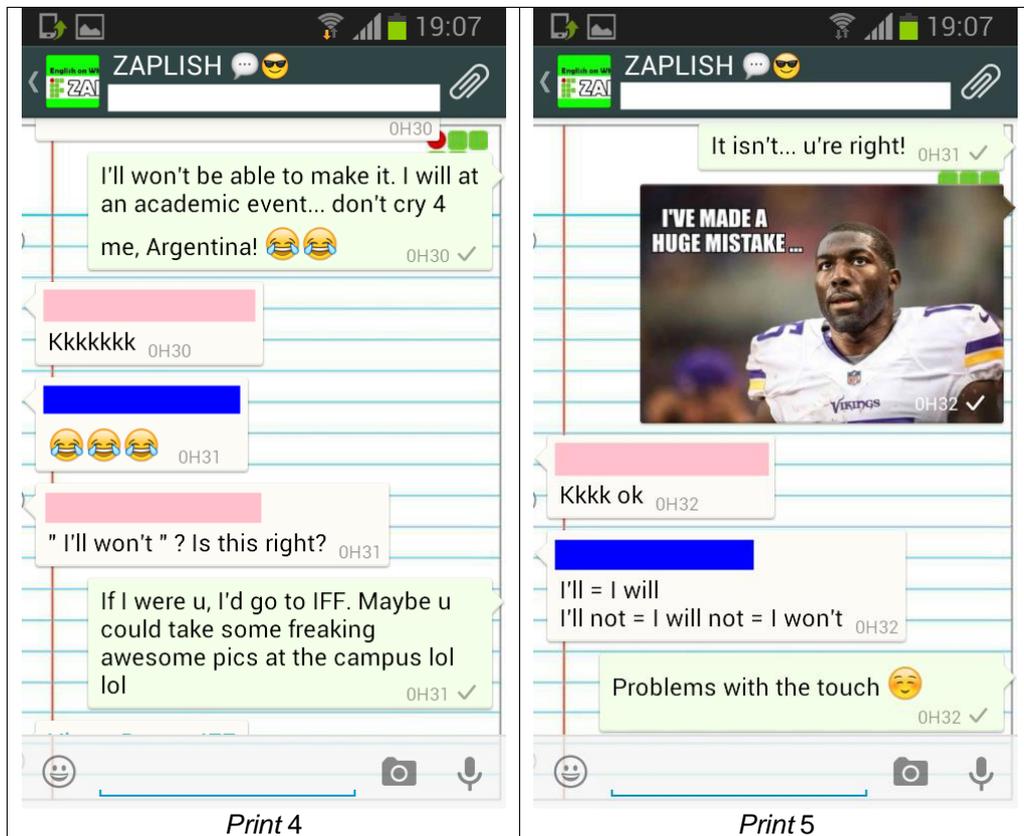
Tem-se, nesse caso, a elucidação de dúvidas por parte do professor mediador, que se dedica apenas a aguçar a curiosidade da estudante, utilizando a expressão “It’s up to u...” (*print 2*), não dando maiores detalhes sobre a aplicação das preposições em questão. É interessante notar também que o professor não atua como um fiscalizador, ou ainda, “bloqueador” do processo em curso, não corrigindo deslizes quanto à digitação de determinados termos, como por exemplo: “whay” (*print 1*) e “diference” (*print 2*).

Esse tipo de postura é importante na medida em que deixa os alunos à vontade no que se refere a interagir no idioma alvo, sem a preocupação de correção imediata por parte dos pares do grupo. Há de se levar em conta que muitas vezes esses “erros” surgem como problemas decorrentes da digitação, comumente atribuídos aos corretores automáticos desses aparelhos de telefonia móvel.

Uma das maneiras de levar o estudante a regular esse deslize, refletindo acerca do uso que se faz do idioma alvo, é utilizar logo em seguida um fragmento curto no qual o termo utilizado por ele foi empregado de modo inadequado, só que o empregando na forma apropriada, como se pode verificar por meio do trecho: “(...) but there’s a slight **difference**” [grifo meu] (*print 2*).

Além de contar com a elucidação de dúvidas por parte do professor mediador, o aprendiz-falante pode optar por confiar na expertise dos outros parceiros de trocas verbais, com os quais é possível construir conhecimento de modo colaborativo. Exemplos dessa natureza, em que os pares podem exercitar sua observância

acerca dos usos adequados das estruturas linguísticas que cooperam para a efetivação da compreensão de uma ideia a ser transmitida podem ser ilustrados no quadro 4.



Quadro 4: Estratégia de autoaprendizagem.
Fonte: O autor.

Na *print 4*, o professor mediador faz uso da expressão “I’ll won’t (...)”. Nesse caso, tem-se o uso inadequado da forma negativa no futuro simples com o verbo auxiliar “will”. Em seguida, Amanda questiona esse uso, mostrando-se atenta à maneira como as estruturas da língua operam no evento de comunicação, como se nota em: “‘I’ll won’t’ Is this right?”.

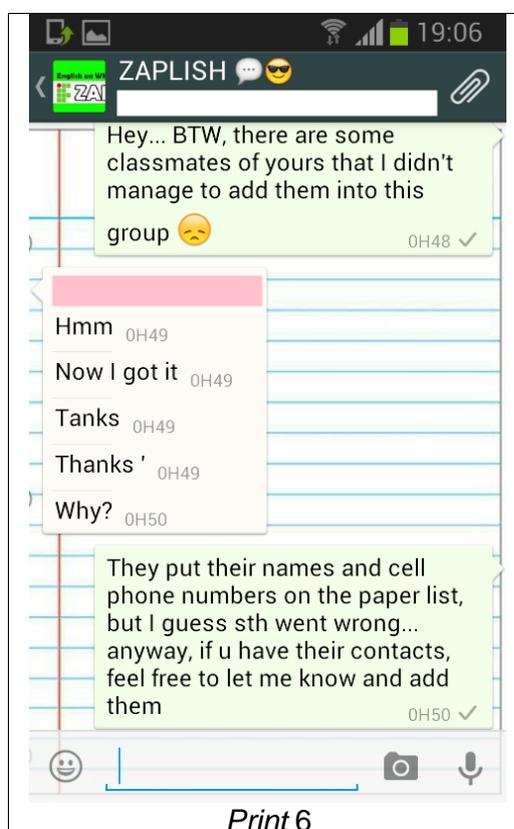
Na sequência, pode-se observar que o professor mediador reforça positivamente a produtividade da estudante, no que tange ao conhecimento mostrado por ela acerca do uso da expressão em destaque, o que tende a atuar como um estímulo, agregando valor à consolidação de seu processo de autoaprendizagem. A elucidação da questão, porém, parte da exemplificação

fornecida como *feedback* pelo colega de turma Bruno⁹ (marcação em azul), como se verifica por meio dos trechos: “I’ll = I will (...) I will not = I’ll not = I won’t”.

Em se tratando dessa observância sobre os usos que se faz da língua por si mesmo, ou por outrem, há de se destacar a estratégia de **correção**, por meio da qual o aprendiz-falante tende a ajustar ou reelaborar o que foi dito, tanto em termos de melhor explicitar o que não foi compreendido, quanto a digitar de forma adequada um termo que ele considera não ter empregado de forma correta.

No quadro 5, temos um exemplo de **correção**, por meio da qual Amanda digita novamente o termo “thanks” (*print 6*), que tinha sido empregado por ela com a escrita incorreta: “tanks”. Esse tipo de estratégia materializa-se sob a forma de um **refinamento** do uso da língua, tendo em vista que o fato de se ter acesso direto ao que foi digitado imediatamente, ou em momento assíncrono, permite ao aprendiz-falante dar um melhor tratamento ao que foi postado, seja pela re-digitação por inteiro de uma expressão seja corrigindo uma ou mais letras do que tenha sido digitado.

Vejamos:



⁹ Nome fictício.

Quadro 5: Estratégia de autoaprendizagem **correção**.

Fonte: O autor.

Pode-se afirmar que, na maioria das vezes, essa estratégia se materializa na forma da re-digitação de um determinado termo ou expressão precedido por um asterisco (*), chamando a atenção do interlocutor para o fato de que quem o empregou tem noção de que ele havia sido digitado de modo inadequado, preservando-se, assim, de uma possível crítica.

4 Considerações finais

Este texto objetivou apresentar um momento de interação, produzido por meio das práticas comunicativas em um grupo criado no aplicativo de mensagens multiplataforma *WhatsApp*, como forma de investigar as potencialidades desse *app*, junto ao ensino e à aprendizagem de inglês na educação profissional de nível técnico. Os resultados aqui apresentados foram obtidos por meio de um projeto desenvolvido com um grupo de estudantes do Curso Técnico em Hospedagem Integrado ao Ensino Médio, do Instituto Federal Fluminense *campus* Cabo Frio-RJ.

A partir da análise dos fragmentos linguístico-discursivos, materializados sob a forma de *prints*, disponibilizados no ambiente virtual em questão, verificou-se a produtividade de aplicativos dessa natureza no que toca ao desenvolvimento de estratégias de autoaprendizagem em inglês, destacando-se, em especial, a **regulação** e a **correção**.

Levando em conta os benefícios e as oportunidades propiciados pelo uso da aprendizagem digital móvel, junto ao processo de ensino e de aprendizagem de LE, pode-se dizer, então, que os aplicativos de mensagens multiplataforma se configuram como dispositivos de telefonia móvel ricos, de fácil aplicabilidade, com múltiplas funções, no que se refere ao desenvolvimento de práticas educacionais.

Espera-se que os resultados aqui apresentados possam contribuir com ideias inovadoras quanto ao uso da tecnologia digital móvel enquanto apoio de ensino e aprendizagem em projetos futuros, particularmente no que se refere à prática pedagógica desse componente curricular na educação profissional de nível técnico, por se tratar de um ramo de ensino que carece de práticas inovadoras em programas de LE.

REFERÊNCIAS

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

McQUIGGAN, Scott. et al. *Mobile learning: a handbook for developers, educators, and learners*. New Jersey: Wiley, 2015.

MEF. *Mobile Messaging Report 2016*. Global insights into chat apps and SMS usage: consumer & enterprise trends: a nine-country study. Disponível em: <<http://mobileecosystemforum.com/mobile-messaging-report-2016/>>. Acesso em: 09 dez. 2016.

SABOIA, Fernanda. The rise of WhatsApp in Brazil is about more than just messaging. Mobile. *Harvard Business Review*. Publicado em 15 de abril de 2016. Disponível em: <<https://hbr.org/2016/04/the-rise-of-whatsapp-in-brazil-is-about-more-than-just-messaging>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

SOUZA, Carlos Fabiano de. Professor-navegador no info-mar digital: o uso da tecnologia móvel no ensino de inglês. *Anais do IV Colóquio Interdisciplinar de Cognição e Linguagem: educação, trabalho e identidade*. Campos dos Goytazes: UENF, 2014, p. 220-236.

_____. Aprendizagem sem distância: tecnologia digital móvel no ensino de língua inglesa. *Texto Livre*, v. 8, n. 1, p. 39-50, 2015a.

_____. Trilhas e travessias em aprendizagem sem distância: desdobramentos do uso do *WhatsApp* em aulas de LE. Comunicação apresentada durante o VI *ENLETRARTE* (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), Linguagens em trânsito, realizado no Instituto Federal Fluminense *campus* Campos-Centro, no dia 11 de junho de 2015. 2015b.

SOUZA, Ricardo Augusto de. O discurso oral, o discurso escrito e o discurso eletrônico. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. (Org.). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001, p. 15-36.

TUDOCELULAR.COM. O site brasileiro de telefonia. *WhatsApp é o app mais usado pelos brasileiros, informa pesquisa Ibope*. Publicado em 15 de dezembro de 2015. Disponível em: <<http://www.tudocelular.com/mercado/noticias/n64922/whatsapp-mais-usado-por-brasileiros.html>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

UNESCO. *Policy guidelines for mobile learning*. Paris: UNESCO, 2013.

Data de submissão: 16/04/2017. Data de aprovação: 04/06/2017

Apêndice



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA FLUMINENSE *CAMPUS CABO FRIO-RJ*
Estrada Cabo-Frio/Búzios s/nº – Baía Formosa
Cabo Frio-RJ, (22) 2645 9500

Pesquisador:
Carlos Fabiano de Souza | matrícula SIAPE 2075003
Contato(s): (22) 99840-8872 | e-mail:
carlosfabiano.teacher@gmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

O objetivo deste projeto é oportunizar momentos de interação no grupo **ZAPLISH** (*English on WhatsApp*) criado por meio do aplicativo de mensagens multiplataforma *WhatsApp Messenger*, com o intuito de praticar o uso do inglês de modo colaborativo, em ambiente virtual. Nesse ambiente, os participantes desempenharão o papel de pares de interação comunicativa, no qual o professor atuará como mediador do processo em curso.

Tendo em vista o potencial desse projeto em gerar informações que se convertam em pesquisas de cunho acadêmico-científico, peço, por gentileza, que você escolha um pseudônimo que deverá ser usado em textos produzidos a partir das experiências com o **ZAPLISH**, em virtude dos nomes dos participantes não serem divulgados em quaisquer publicações futuras, preservando, assim, a sua identidade. Nessa direção, esclareço, ainda, que a autorização e identificação que seguem servem para cumprir com as exigências de ética científica deste projeto de pesquisa.

Agradeço enormemente pela sua colaboração e me coloco à disposição, para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Eu, _____, (pseudônimo: _____) autorizo o professor pesquisador **Carlos Fabiano de Souza** (Matrícula SIAPE 2075003) a utilizar as informações oriundas desse projeto, para fins de pesquisa em âmbito acadêmico. Não autorizo, no entanto, a divulgação do meu nome em quaisquer publicações baseadas nos fragmentos linguístico-discursivos produzidos a partir das interações no **ZAPLISH**, resguardando, assim, a minha identidade.

Cabo Frio, _____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante: _____.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Fonte: O autor.